

ESPAÇO, MÍDIA E EDUCAÇÃO - RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS COMO LINHAS DE FUGA DAS GRANDES MÍDIAS

Marco Aurélio da Conceição Correa - UERJ

marcao_cp2@hotmail.com

Marcos Borges dos Santos Júnior - UERJ

cunhajp2013@gmail.com

RESUMO

Tomando como ponto de partida as considerações contemporâneas sobre os espaços e suas presenças na grande mídia e as consequências de tais imagens na educação brasileira (SODRÉ, 2012), buscamos pensar em linhas de fuga (GALLO, 2003) para as representações pejorativas dos grandes canais de mídia brasileira para os territórios relacionados à população afro-brasileira, como os terreiros, quilombos, favelas e comunidades. Estes espaços se tornam presentes nos meios de comunicação de massa, em grande maioria, apenas para reforçar o estereótipo de lugar de conflitos, perigo e miséria, mas possuem nos engendramentos tecidos por seus moradores possibilidades que não se limitam em seus reais problemas. Dar visibilidade as atitudes daqueles que buscam valorizar tais espaços negros, através de projetos para uma melhor condição de vida da população que frequentam tais locais - não se limitando somente a parcela negra assim como nos quilombos de outrora - é uma forma de ir além dos estereótipos das imagens das grandes mídias. Projetos como: os pré vestibulares comunitários, que buscam a inserção das negras e negros nas universidades; o circuito Cinegrada do Coletivo CRUA, que busca a aproximar a presença negra no cinema para comunidades; o Instituto dos Pretos Novos que traz à tona a ancestralidade negra velada do centro do Rio de Janeiro, entre outros muitos projetos, buscam ressignificar os territórios ligados a história e cultura de origem africana (MUNANGA, 2015) como forma de combate às desigualdades raciais. Pelo descaso da grande mídia por essa rede de relações combativas, essas organizações fazem uso (CERTEAU, 1995) das mídias digitais para disseminar seus trabalhos, também a relação de uso da população negra com as mídias. Para a educação, não se limitando aos espaços formais, essas reflexões nos possibilitam destituir o imaginário social dos educandos e educadores de tais representações estereotipadas e preconceituosas das grandes mídias sobre os terreiros, quilombos, favelas e comunidades. Reconhecer que

esses espaços tem um legado histórico de resistência e criação e que seus sujeitos: o sacerdote, o ancião, o capoeirista, o sambista e vários outros praticantes e pensantes das culturas, subjetividades e estéticas estão engajados na ressignificação dos espaços e da desigualdade que vive a população afro brasileira.

Palavras-chave: Espaço; mídia; educação anti-racista.